

SESSÕES DO PLENÁRIO

49ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 20 de outubro de 2023.

PRESIDENTE: DEPUTADO HILTON COELHO (AD HOC)

O Sr. PRESIDENTE (Hilton Coelho): Invocando a proteção de Deus e dos orixás, declaro aberta a sessão especial de outorga do Título de Cidadão Baiano ao ministro de estado dos Direitos Humanos e da Cidadania, Silvio Luiz de Almeida, a partir de proposição de minha autoria. (Palmas)

Convido para compor a Mesa as seguintes referências de todos nós: Sr. Felipe Freitas, secretário de Justiça e Direitos Humanos, que neste ato representa o governador do estado da Bahia, Jerônimo Rodrigues; a Sr.^a Lídice da Mata, deputada federal pelo estado da Bahia; Sr.^a Márcia Regina dos Santos Virgens, procuradora de Justiça, representando a procuradora-geral de Justiça da Bahia, Norma Angélica Cavalcante; Sr. Paulo César Miguez de Oliveira, magnífico reitor da Universidade Federal da Bahia; a Sr.^a Manuellita Hermes, procuradora federal e integrante da Coalizão Nacional de Mulheres; Sr.^a Firmiane Venâncio, defensora pública-geral do estado da Bahia e vice-presidente do Condege; Sr. Edvaldo Brito, professor, alguém muito especial, que é vereador da cidade de Salvador, mas professor de muitos e muitas, inclusive em nossa trajetória como vereador da cidade de Salvador; Sr.^a Luzia Mattos Mota, magnífica reitora do Instituto Federal da Bahia – Ifba.

Tenho a honra de convidar também o Sr. João Jorge, presidente da Fundação Palmares, o nosso João Jorge, posso dizer assim; também com muito prazer e muita honra, quero convidar a Sr.^a Marina Duarte, presidente da Unegro; o Sr. Hamilton Ribeiro, coordenador-geral do CEM, alguém que teve um papel muito importante para este evento, viu, gente; o Sr. Hamilton Moreira de Assis, coordenador do Mocambo CSP Conlutas Sindical, meu irmão, alguém que eu tenho que dizer que mora no meu coração, porque me deu este presente aqui, o nosso marcador da resistência; e, para finalizar em altíssimo estilo, o Sr. Samuel Vida, professor, coordenador do Programa Direito e Relações Raciais – PDRR da Ufba, alguém que é orientador de todos nós também, que também vai receber desta Casa a Medalha Dois de Julho: a mais importante comenda da Bahia já está endereçada ao professor Samuel Vida. (Palmas)

Solicito, agora, ao cerimonial que conduza a este recinto o nosso homenageado, o ministro de estado dos Direitos Humanos e da Cidadania, Silvio Luiz de Almeida, acompanhado das representatividades Cacique Babau, Donana do Quilombo de Quingoma e das Filhas de Gandhi. (Palmas)

(O homenageado é conduzido ao Plenário.)

O Sr. PRESIDENTE (Hilton Coelho): Gente, já deu para perceber, Silvio, que a Mesa seria muito, muito maior do que a gente pode comportar fisicamente aqui. Portanto, nós fizemos uma Mesa estendida.

E eu queria anunciar, portanto, a composição dela. Primeiro, é o Sr. Sérgio São Bernardo, assessor chefe de gabinete da Uneb, que neste ato representa a reitora da Uneb, Adriana Marmori; a Sr.^a Dr.^a Denise de Almeida Ribeiro, pró-reitora de Políticas Públicas Afirmativas e Assuntos Estudantis da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, representando a magnífica reitora, Georgina Gonçalves dos Santos; a Sr.^a Fabya dos Reis Santos, a nossa secretária de Assistência e Desenvolvimento Social do estado da Bahia. Um forte abraço, Fabya; a Sr.^a Jade Andrade, coordenadora jurídica estadual do Movimento Negro Unificado; Sr.^a Bárbara Camardelli, procuradora-geral do estado da Bahia; o Sr. Cristiano Lima, coordenador Nacional de Entidades Negras; a Sr.^a Alessandra Almeida, coordenadora da Comissão de Direitos Humanos do Conselho Federal, que neste ato representa o Conselho Federal de Psicologia no Conselho Nacional de Direitos Humanos; Sr.^a Laina Crisóstomo, a nossa maravilhosa, que está sob ataque da extrema direita. Eu quero dizer a você, companheira, que nós estamos juntos nessa luta, que nenhum passo atrás em relação à capacidade do povo, especialmente das mulheres negras, fazer política. Eu estou falando aqui da companheira que teve o seu gabinete atacado e que precisa da solidariedade de todos nós. Um axé, companheira. Estamos juntos; a Sr.^a Soraia Ramos, defensora pública-geral do estado da Bahia; e o Sr. Luis Guilherme Pontes Tavares, 1º vice-presidente da Associação Baiana de Imprensa. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Hilton Coelho): Bom, vamos assistir agora a intervenção indígena, com, nada mais, nada menos, alguém que é uma personalidade, já é lenda no estado da Bahia na luta em defesa dos povos dos territórios indígenas, Cacique Babau.

O Sr. CACIQUE BABAU: Oi, bom dia a todos. Primeiramente, eu quero agradecer o convite e quero dizer: tupinambá chegou e tupinambá vai falar. Não sei se vou falar o que querem ouvir, mas quero falar o que meu entendimento precisa falar para todos.

Eu sou uma nação – nação tupi – à qual, os que invadiu, disseram que nos descobriram. Nos invadiram, nos mataram, nos escravizaram, dizendo que tinha um amanhã melhor. O amanhã é um sonho. Buscaram povos de outros países, como o povo da África, e escravizaram, dentro da minha terra, dentro da minha casa, e porque eu reagi, não aceitei a escravidão em minha terra, não aceitei a discriminação em minha terra, criaram leis para me exterminar, criaram regras para que eu não tenha direito à minha própria terra, à minha própria existência. E mais: Tupinambá vive! Tupinambá está!

Buscaram outras nações do Oriente, como o povo cigano, trouxeram para nossa terra, está aqui, estão sofrendo.

Engraçado, os invasores dominam tudo, eles ficam com tudo, e todos que foram trazidos para cá à força se tornaram uma ameaça para eles. Por isso tem que continuar sendo oprimido e retirado direitos, principalmente os povos tribais, que eles reconhecem e sabem que mantém uma cultura ancestral.

Por que nos perseguir? Por que a Bahia está como está? Porque a Bahia foi o espaço da invasão, da colonização, do extermínio, da retirada de direito, de cultura. Mesmo assim a Bahia mantém a maioria do povo preto aqui vivendo. A Bahia é o segundo estado com maior número de indígenas, porém somos renegados ao federal. O federal não faz as nossas demarcações de terra, não nos dá os nossos direitos fundiários.

E o povo cigano? A maior etnia do povo cigano se encontra na Bahia. Onde se encontra o povo cigano? Cadê os espaços que eles ocupam? Cadê a fala deles aqui, perante nós? Cadê o humano direito para todos nós? Cadê ele? Estamos precisando.

Colocaram Silvio Almeida lá, estamos gratos, estamos felizes e sabemos que ele vai ouvir a nossa fala. Ele está entendendo o que tupinambá está falando. Nós queremos dar fala a todos que precisam falar porque a vez da fome não é de comida, a fome é de falar o direito que não tem, o direito que não chega.

E que nós estamos preocupados, nós, tupinambás, que não somos da terra, nós somos do reino dos encantados, aonde nos invocar nós chega; qualquer um dos nossos filhos tupinambá, onde chamar ele vai ajudar, ele vai estar.

E ver hoje um Congresso Nacional dizendo um “fascismo, não”, provocando um genocídio futuro dos povos originários, daqueles que lutam por terra. A terra do povo indígena na Bahia não chega a 500 mil hectares que está solicitada, mesmo assim estão alegando que nós vamos destruir a Bahia. Assim todo o Nordeste.

Onde está esse preconceito... Quando bota o marco temporal, entenda, o marco temporal diz “vocês têm o direito de exterminar esse povo, esse povo não é digno de ter terra, porque nós somos donatários, nós recebemos da coroa portuguesa ser donatário desse país. Então, a terra é nossa, eles não têm direito”. Por isso o Supremo também vai julgar. E requer pagar terra nua a ele, não reconhece a nós o direito original. Eu sou tupinambá! Eu digo “essa terra é minha e ninguém, nem marco temporal, nem nada vai tirar o direito de eu falar firme e forte”.

(As galerias se manifestam.)

Eu sou eu. Não é Gilmar Mendes dizer que eu sou um assassino, que eu sou o cara mais arbitrário da Bahia, que vai tirar meu direito. Eu sou tupinambá e vou estar naquele que precisa. Sei que sou um que precisa também, como humano, como os 20% que é carne humana, mas eu sou 80% espírito. Entenda: eu não morro, eu estou e não tenho medo de dizer que eu faço parte daqueles que são os bandidos, porque se lutar por direito é ser bandido, então, eu serei um bandido. Assim como eu me tornei escravizado junto com os escravos para formar os quilombos, mas vou me tornar cigano para tirar o cigano da sarjeta que está, do massacre que está, que tudo de errado é para eles. Eu não aceito, a casa de tupinambá não aceita discriminação em cima de ninguém.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Hilton Coelho): Neste momento, ouviremos o Hino Nacional.

Aproveitar já a presença aqui de Donana, do Quilombo Quingoma, e convidá-la para participar da Mesa. Convidar também alguém que é uma referência, é um quadro, um dos maiores quadros do movimento negro do nosso país, o companheiro Gilberto Leal, representando a Conen. (Palmas)

Deixar nossos convidados se assentarem aqui, na Mesa. Pode vir por aqui Gilberto. E vamos fazer a execução dos nossos hinos.

Registro as presenças das deputadas Fabíola Mansur, deputada Fátima Nunes, deputada Olívia Santana e o deputado Robinson Almeida. (Palmas) Muito obrigado a todos os companheiros.

Queremos convidar, também, para compor a Mesa, Sérgio São Bernardo, assessor chefe de gabinete da Uneb, que já foi citado e dispensa apresentações. (Palmas)

Serginho para compor a nossa Mesa.

Vamos à execução do Hino Nacional.

(Procede-se à execução do Hino Nacional.) (Palmas)

Agora, o hino da guerra.

(Procede-se à execução do Hino da Bahia.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Hilton Coelho): Peço a todos que permaneçam de pé, porque nós vamos ter aqui um momento muito importante, que teve também o posicionamento do nosso ministro Silvio de Almeida. O fato deixou toda a sociedade baiana – especialmente as lideranças negras, as lideranças quilombolas – numa situação, ao mesmo tempo, de consternação e de espírito de luta para que isso não se repita. O Estado brasileiro precisa, o estado da Bahia, o Estado brasileiro *lato sensu*, precisa ter uma posição firme para reverter o que vem acontecendo em nosso país, especialmente com as lideranças quilombolas e indígenas.

Eu quero pedir 1 minuto de silêncio pela morte de mãe Bernadete e por todas as mortes de setembro.

(Faz-se 1 minuto de silêncio.) (Palmas)

Vamos anunciar a presença de Jurandir, filho de Mãe Bernadete. Chegue à frente, Jurandir, porque em homenagem a ela e a essa família gritemos com todas as forças dos nossos pulmões: Mãe Bernadete,

(Participantes da sessão respondem: “Presente!”)

O Sr. PRESIDENTE (Hilton Coelho): Mãe Bernadete,

(Participantes da sessão respondem: “Presente!”)

O Sr. PRESIDENTE (Hilton Coelho): Hoje

(Participantes da sessão respondem: “E sempre”)

O Sr. PRESIDENTE (Hilton Coelho): Hoje e sempre!

Como proponente desta sessão, nós faremos um pronunciamento agora. Eu quero convidar a deputada Olívia Santana, para que me substitua aqui nesse momento do pronunciamento.

(A deputada Olívia Santana assume a presidência da Mesa.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Com a palavra o deputado Hilton Coelho.

O Sr. HILTON COELHO: Todos reacomodados e reacomodadas. Nós queremos falar breves palavras, aqui, para este momento histórico para a nossa Bahia. E, particularmente, eu quero fazer uma referência depois ao nosso mandato da resistência. Depois eu falo um pouco sobre isso. Mas as palavras são para o nosso Silvio.

(Lê) “Silvio de Almeida fez graduação em Direito pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, em 1999. Logo entendeu que o formalismo do Direito só pode fazer sentido com um mergulho filosófico. Decidido, voltou aos bancos da graduação para concluir o curso de Filosofia na USP, em 2011. Nesse meio tempo, não se afastou do Direito. Concluiu o mestrado em Direito Político e Econômico, também pela Mackenzie, em 2006. E logo depois tornou-se doutor, doutor em Direito pela USP, em 2011. Silvio continuou a aprofundar seus estudos, concluindo o primeiro pós-doutorado em 2015. Atualmente, encontra-se em pleno desenvolvimento de seu segundo pós-doutorado – que, provavelmente, vai ter que esperar um pouco, pelos compromissos do novo cargo que ocupa e pelos embalos de Anesu. Eu quero falar sobre isso depois.

Bom, a notabilização de Silvio ocorre quando ele consegue evidenciar a importância do conceito de racismo estrutural, conceito com a força explicativa tão extraordinária da realidade brasileira que acaba por superar os limites da academia e passa a ser falado, discutido e amaldiçoado por alguns no cotidiano dos brasileiros e das brasileiras, nas redes sociais.

A formulação ganha asas. O seu difusor ganha respeito dos lutadores e lutadoras sociais. Daí, nasce a nossa ideia de conceder o título ao professor, advogado e filósofo Silvio Luiz de Almeida, cuja proposta foi apresentada à ALBA, em julho de 2020. Lá, já estavam evidentes as palavras de Silvio que circulavam e sacudiam o Brasil.

De forma brilhante, o gênio da música brasileira, Milton Nascimento, dedicou uma a Teotônio Vilela que, a nosso ver, cabe como uma luva nas mãos negras do nosso homenageado. Vejam se não é!

(O orador canta.)

‘(...)

Quem é esse saltimbanco

Falando em rebelião

Como quem fala de amores

Para a moça do portão?

(...)

*Quem é esse peregrino
Que caminha sem parar?
Quem é esse meu poeta
Que ninguém pode calar?
Quem é esse?
(...)*

Cadê Denise Souza? Falar de amores e, principalmente, de rebelião tem de se lembrar, ali, do meu e do nosso amor. Um beijo, meu bem! (Palmas)

Vejam!

(O orador canta.)

‘(...)

De quem essa ira santa

Essa saúde civil

Que tocando a ferida

Redescobre o Brasil?

(...)' (Palmas)

Não é a cara dele? (Risos) O cantante está longe do nosso Milton Nascimento, mas a sinceridade é grande.

Para nós, Silvio de Almeida, nascido em São Paulo, é, na verdade, também, um legítimo baiano. Faltava só o título. A partir de hoje, não faltará mais nada! Mas por que Silvio só podia ser baiano? Temos a capital, reconhecidamente, como a cidade com a maior população negra fora do continente africano.

Segundo o censo de 2022, mais de 80% da população baiana se consideram negra! Não é, Márcia? Esse mesmo censo mostrou, inclusive, que o número de quem se autodeclarava pardo caiu, aumentando o das pessoas que se consideram pretas. Ser preta ou preto é lindo! Nos últimos anos, experimentamos um processo de valorização do negro, da sua música, da sua culinária, do seu modo de ser e vestir, de suas ideias, enfim, da cultura negra na Bahia.

A luta do movimento negro resgatou a autoestima e a importância da negritude dos baianos e baianas, Gilberto.

Parabéns para o movimento negro!

Porém, não esqueçamos. A máquina burocrática e opressiva do colonizador instalara a sua sede neste solo. Povos originários, como disse Babau, foram, aqui, massacrados. Milhões de pessoas – negras das etnias bantu, jeje, nagô, ketu e tantas outras – foram escravizadas e trazidas para a Bahia para alimentar o novo ciclo de riqueza capitalista. Mas, apesar de ser o centro da execução da política colonialista, a Bahia resistiu. Incontáveis quilombos encontraram um lugar para construir sua história e cultura.

Segundo o IBGE, a Bahia tem 1.046 comunidades quilombolas e a segunda população indígena do Brasil. Não é, Babau? Ao final do século XVIII, ocorre a

tentativa de subverter a ordem econômica política e sociorracial destas terras. Foi a Revolta dos Búzios. Baianos e baianas revolucionárias tinham plano de...”

Eu quero que vocês prestassem atenção a isso e olhassem para a nossa Bahia, Gustavo.

(Lê) “Baianos e baianas revolucionários tinham o plano de acabar com a subordinação externa, em 1798, distribuir as terras, apoiar as atividades econômicas populares, pôr um fim à escravidão e às discriminações de cor.”

Isso ocorreu quase 100 anos antes da abolição formal!

(Lê) “Apesar das centenas de envolvidos nas conspirações, foram quatro jovens negros os escolhidos para a execução e o esquartejamento em praça pública. Nós temos de falar o nome o nome deles: Lucas Dantas, Manuel Faustino, Luiz Gonzaga e João de Deus. Presentes!

Porém, para o desespero das elites, esses planos influenciaram o pensamento e as ações populares durante 40 anos. Passando pela guerra da independência, o protagonismo popular chegou até a Revolta da Sabinada, que foi liderada por Francisco Sabino, um médico negro.

Num dia ensolarado, o governo provincial, Silvio, reuniu, ali, na Praça da Piedade, todas as forças da repressão, dos investigadores até a Polícia Militar, o Exército e a Marinha. A ideia era jogar todo o aparato repressivo em cima dos rebeldes e das rebeldes.

Mas, de repente, no meio da multidão, alguém gritou: Viva a revolução! Outro alguém repetiu. Outra pessoa repetiu, até que toda a praça passou a um grito uníssono de ‘Viva a revolução!’

O governo fugiu pela Baía de Todos-os-Santos. E o povo realizou uma grande caminhada de tomada do poder da chamada, hoje, Avenida Sete de Setembro até a Câmara Municipal.

Foram meses de guerra por um governo popular. Foram esses confrontos que, ao final, com os rebeldes derrotados, infelizmente, os generais quase todos negros, generais negros foram queimados vivos nas fogueiras espalhadas pela cidade de Salvador. Nós não podemos nos esquecer disso. Mas o Programa Rebelde dos Búzios, da Guerra de Independência e da Sabinada permanece vivo.”

Vamos pensar. Esta Bahia fez reforma agrária? É tanta terra devoluta neste estado, gente, nas mãos do poder público que poderia ser distribuída!

(Lê) “Nós rompemos com a dependência externa a controle popular da produção industrial, tem fim das discriminações de cor.

Então, o programa dos 40 anos desta vanguarda negra, Silvio, permanece vivo para a Bahia e para o Brasil.

Salvador é uma das cidades onde mais ocorreram rebeliões escravas em todas as Américas, sendo a mais expressiva delas a chamada Revolta dos Malês, ocorrida em 1835, considerada o maior levante de escravizados da história do Brasil, que pretendiam um governo negro na Bahia.

Uma das suas principais lideranças era Luíza Mahin, lutadora de várias guerras. Ela é uma das personagens principais dessa história de resistência. Do seu tabuleiro, eram distribuídas as mensagens para o movimento.

Foi também inspirado em Luíza Mahin que Carlos Marighella, mais de um século depois, se tornou o número um da CIA em todo o mundo. Ele foi a maior liderança negra do Brasil daquele período e uma grande referência para nós.”

Marighella, presente! Marighella, presente!

(Participantes da sessão respondem: “Marighella, presente!”)

Marielle, presente, hoje e sempre!

(Participantes da sessão respondem: “Marielle, presente, hoje e sempre!”)
(Palmas)

O Sr. HILTON COELHO: E do ventre de Luíza Mahin nasceu um dos maiores abolicionistas deste país, o baiano Luís Gama.

Daqui a pouco, eu volto para ele.

Então, a Bahia, sobretudo, é a terra das dores e das paixões.

Assim, mesmo com tanta luta, com tanta resistência, a Bahia guerreira não resolveu inúmeras contradições que ainda lhe marcam profundamente até hoje, pois é um dos estados campeões em desemprego, pobreza, negação de direitos a uma boa parte da população.

Silvio, em Boipeba e em Maraú, querem roubar o direito à Praia dos Pescadores. Os Quilombos Quingoma e Rio dos Macacos confrontam com a especulação imobiliária e com a Marinha. A Bahia é o estado com maior número de homicídios e ações policiais seguidas de morte, e leva, à frente, uma política, a nosso ver, de genocídio da juventude negra e periférica.

Mas por que tanto horror perante o céu da Bahia?

Aqui, entra o nosso novo baiano a nos ajudar a refletir. O racismo está entranhado nas estruturas da sociedade brasileira e, particularmente, da sociedade baiana. Silvio Almeida ajudou a dar nome a uma dor que o povo negro sempre sentiu e confrontou. Bem, dar nome à dor é o primeiro passo para enfrentá-la.

Por tudo isso, pela importância da produção intelectual, uma chave fundamental para o povo negro baiano se entender e lutar melhor pela sua altivez, caráter por seu compromisso com a luta e libertação do povo negro, Silvio de Almeida só podia ser baiano.

Receba da Bahia este título que vai abençoado por Luíza Mahin! Agora, você é mais um filho desta terra que sempre acolhe mais um e mais uma em seu coração.

Isso nos dá muito orgulho, pois, se a Bahia deu régua e compasso para Luís Gama escrever o seu nome em São Paulo como um dos maiores advogados abolicionistas deste país, São Paulo nos devolve este grande advogado (palmas), intelectual e lutador do povo negro!

Silvio de Almeida, a partir de agora, é, também, baiano.

Silvio, você, agora, é filho da Bahia, filho de Luíza Mahin e irmão de Luís Gama! (Palmas)

(Lê) “Silvio, eu tenho duas filhas que significam a experiência de tirar o fôlego. Aqui, eu estou te dando toque de papai. Não vou falar sobre elas, porque eu estou, até emocionado. Uma está fora do estado. Quando chegar a São Paulo, você já pode olhar nos olhos de Anesu e dizer: ‘Filha, com todas as suas paixões e a sua dor, eu abracei a Bahia e a Bahia me abraçou.’

Por fim, eu não poderia deixar de quebrar um pouco o protocolo para falar de uma coisa que é a coletividade. Este evento não seria possível sem a contribuição dos servidores e servidoras da ALBA. (Palmas)

Nesse sentido, também, quero que receba um grande abraço todas as companheiras e companheiros do Psol e do mandato da resistência, na pessoa de alguém especialíssima, conselheira do Vitória, uma das comandantas da Marcha do Empoderamento Crespo.”

Cecília, apareça, aí, para todo mundo. (Palmas efusivas)

Cecília da Silva, peço uma salva de palmas daquelas para ela. (Palmas)

Deixe-me te dar um abraço, por favor. Ceci, você só podia ser baiana.

Obrigado, gente. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Quero pedir a vocês uma grande salva de palmas para o nosso deputado Hilton Coelho (palmas), pois ele teve a feliz ideia de homenagear, nesta manhã de Oxalá, orixá da paz, esta paz que só virá nos braços da justiça, da justiça social, a justiça de Xangô, que façamos esta vibrante homenagem ao nosso querido conterrâneo Silvio Almeida! (Palmas)

Este homem denunciou o racismo estrutural! Ele é o intelectual que é mais do que o homem das letras! Ele é o homem da prática política de transformação!

E todas e todos nós, deputados e deputadas, votamos, por unanimidade, a favor da aprovação da concessão deste título. Nós nos sentimos honradas, honrados, agradecidos ao Psol e a Hilton Coelho, por nos dar esta alegria na manhã de hoje, meus companheiros!

Forte abraço.

Muito obrigada.

Devolvo a presidência desta sessão. (Palmas)

(O deputado Hilton Coelho reassume a presidência da Mesa.)

O Sr. PRESIDENTE (Hilton Coelho): Gente, um pouco de paciência! Eu tenho alguns anúncios para fazer. Mas vocês vão considerar que vale a pena.

Registro as presenças de Américo Anunciação Brito, tio de Edneia Carvalho, esposa do ministro; Lígia Margarida Gomes, presidente, pesquisadora social e membra da Sociedade Protetora dos Desvalidos, pois essa entidade é um fundamental, um patrimônio que nós precisamos fortalecer para mostrar ao mundo todo; Eva dos Santos

Rodrigues, coordenadora da Especializada de Proteção aos Direitos Humanos e Itinerante, da Defensoria Pública do Estado da Bahia; Naira Gomes, ouvidora-geral da Defensoria Pública, um abraço à nossa ouvidora; Eduardo Rodrigues, presidente da Comissão de Direitos Humanos da OAB-BA; Livia Almeida, defensora pública e coordenadora da Especializada de Proteção aos Direitos Humanos e Itinerante da Defensoria Pública do Estado da Bahia; Rafson Saraiva Ximenes, defensor público; Ailton Cardozo da Silva Júnior, procurador do estado da Bahia; Jéssica Baiano, diretora de Finanças da União Brasileira de Mulheres da Bahia (UBM-BA), minha contemporânea do movimento estudantil; João Gomes Barroso Neto, presidente do Núcleo de Apoio aos Militares Anistiados Políticos Sediados na Bahia e conselheiro da Unidade de Mobilização Nacional pela Anistia; Sirlene Assis, presidente do Grupo Tortura Nunca Mais, Bahia, que fez história; Júlio Vilela, presidente do coletivo Black Ordem e membro do Coletivo de Advogados Negros e Negras do Estado da Bahia (Canneba); José de Souza Gomes Filho, procurador da Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco (Codevasf) e conselheiro estadual da OAB-BA; Euclides Santos, diretor do Centro de Estudos dos Povos Afro-Índio-Americanos (Cepaia); Mario Nelson Carvalho, diretor institucional da Associação Nacional dos Empreendedores Afro-brasileiros; Kleber Rosa, coordenador-geral da Federação dos Trabalhadores Públicos da Bahia (Fetrab), meu irmão, ex-candidato ao governo do estado da Bahia que fez bonito, viu gente?, e ainda vai fazer muito; Sônia Maria Santos, mãe de santo, ialorixá do Terreiro Ilê Axé Ofá Ironã Omo Ajaguna; Fred Joi Conceição, vice-presidente do Axé Xiré Loni; Ìyá Márcia d'Ògún, presidenta do Conselho Municipal de Política Cultural de Salvador e representante da Rede de Mulheres de Terreiro da Bahia; Nengua Kolore Kvetto, mãe de santo da Senzala de Nsumbu; Rita de Castro, diretora do Olodum; Beth Vieira, coordenadora-geral do Centro de Referência Integral de Adolescentes (Cria); Patrícia Sales, assistente social do Programa de Proteção dos Defensores de Direitos Humanos do Estado da Bahia; Mário Diniz, vice-presidente do Sindicato Nacional dos Auditores Fiscais do Trabalho na Bahia; Cássia Virgínia Bastos Maciel, pró-reitora de Ações Afirmativas e Assistência Estudantil, da Universidade Federal da Bahia; Denilson Campos Neves, liderança do movimento de Policiais Antifascismo; Cássia Virgínia Bastos Maciel, magnífica pró-reitora de Ações Afirmativas e Assistência Estudantil da Ufba; Iracema Truká, coordenadora da Superintendência de Políticas de Povos Indígenas; Elivaldo Menezes, presidente da Associação Mão Amiga dos Rodoviários e diretor do Sindicato dos Rodoviários; Cristiane Santos Souza, coordenadora da Assessoria Especial de Defesa da Democracia, Memória e Verdade do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania; Lília Maciel, funcionária da Funai; Thiffany Odara, articuladora da política do Fórum Nacional de Travestis e Transexuais Negras e Negros (Fonatrans); Carlos Sampaio, conselheiro da OAB-BA; Jussara Maria da Silva, da Casa da Mulher Negra da Bahia; Jurandir Wellington Pacífico, filho de Mãe Bernadete, se apresentou à nossa Mesa e merece toda a nossa salva de palmas (palmas); Elson de Assis Rabelo, coordenador da Memória e Verdade sobre a Escravidão e Tráfico, do Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania; Dandara, Coalizão Marcha da Consciência Negra Zumbi; Celina Silva, presidente da Lei das Marias

Empreendimento Social Ltda; Jairo Mota, diretor da Associação de Bombeiros 2 de Julho; Edenice Santana, professora e coordenadora do Núcleo Cultural Igeocam-Conen, Mulheres Marcha da Colizão Negra; Ariselma Pereira, diretora da Secretaria de Desenvolvimento Econômico, neste ato, representando o secretário Angelo Almeida. (Palmas)

Assistiremos, agora, ao vídeo que retrata a trajetória do nosso homenageado.

(Procede-se à apresentação de vídeo.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Hilton Coelho): Agora vamos assistir à intervenção artística dos nossos poetas do Subúrbio e nossas poetisas da Região Metropolitana.

(Procede-se à apresentação artística.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Hilton Coelho): Luís Gama! Vamos, lá! Grande intervenção!

Eu quero registrar que a locução do vídeo foi feita por Junaica Nunes Barbosa, liderança do Quilombo Rio das Rãs, o primeiro quilombo titulado no Brasil. Um forte abraço, aí, para a nossa Junaica, viu Jéssica? (Palmas)

Registro, também, a presença da deputada Maria del Carmen, prestigiando o nosso evento. (Palmas) Depois, eu faço os outros registros.

O Sr. PRESIDENTE (Hilton Coelho): Agora, vamos conceder a palavra à Dr.^a Manuellita Hermes Rosa Oliveira Filha, procuradora federal na Advocacia-Geral da União.

A Sr.^a MANUELLITA HERMES ROSA OLIVEIRA FILHA: Bom dia, senhoras, senhores, todas as pessoas presentes.

Cumprimento a Mesa na pessoa do deputado Hilton Coelho, proponente da entrega desta homenagem. Cumprimento, também, o nosso secretário Felipe Freitas, representando o nosso governador da Bahia.

A nossa reunião, hoje, versa sobre algo muito bonito e precioso: versa sobre pertencimento. Pertencer, professor Edvaldo Brito, vem do latim *pertinere*, que significa ter propriedade de.

Hoje, este sentido não me cabe invocar: ter propriedade de. Eu aprendi, professor Samuel, lá, na nossa Ufba, nas aulas de Psicologia Social, estudando Vigotski, que cada vocábulo, cada palavra pode ter não só o seu significado original, mas, também, diversos sentidos. A cada significado, nós podemos acrescentar sentidos.

Então, para nós, população baiana, e, no meu caso, também, de Salvador, pertencer, no sentido de ter ou ser propriedade de, remete a fortes memórias de desumanidade que não precisam ser lembradas hoje, pois hoje é dia de festa.

No entanto, à medida que acrescentamos novos sentidos, à medida que conquistamos liberdade, à medida que gozamos de liberdade, acrescentamos novos sentidos a pertencer como ser referente a ‘fazer parte de’, ‘ter relação com’, ‘ser merecido’, ‘caber’, ‘ser próprio de’.

Pertencer tem sentido de escolha, opção, reconhecimento, igualdade, acolhida, afeto, compartilhamento de histórias, saberes e cultura. Podemos pertencer a um tempo, ao mesmo tempo, ao mesmo espaço, ao mesmo lugar.

Quanto ao tempo, nos ensina um dileto baiano, Caetano Veloso, na sua *Oração ao Tempo*, ser ele, o tempo, “compositor de destinos”, “tambor de todos os ritmos”.

E, nessa composição de destinos, com uma toada rítmica ainda a se desvendar, o tempo entrou num acordo comigo, Manuellita Hermes, contigo, ministro Silvío Almeida e, conosco, povo baiano.

Quis o tempo que nós não pertencêssemos àquele tempo da construção de uma obra arquitetônica singular na nossa Bahia. Trata-se da Igreja da Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, dotada de beleza e esplendor, resultado do trabalho edificante de mãos pretas, resultado de seres humanos escravizados que se reuniram, se solidarizaram, resistiram, criaram e consolidaram, na nossa história, aquele templo, nos séculos XVIII e XIX.

Essa igreja tem duas torres, ministro Silvío. A essa época, ter duas torres simbolizava força, poder, inclusive, econômico. E nós, povo negro, nós conseguimos, nós construímos duas torres. Nós construímos torres de igualdade à época em que só os templos brancos e ricos tinham. Essa joia baiana, ainda, resiste, representa e simboliza a resistência, a persistência, o atingimento de um padrão de igualdade em relação aos demais templos.

O acordo que nós travamos com o tempo, prossigo, quis, ministro, que nós não pertencêssemos ao tempo de Luís Gama, baiano, soteropolitano como eu, filho da grande mulher e líder Luíza Mahin. Baiano, rejeitado, lá, em São Paulo, quando tentaram vendê-lo em Jundiá, em Campinas, rejeitado pelo fato de ser baiano, porque, à época, ser baiano era ser rebelde, era não se submeter, era causar rebelião, motim. Que lindo! Sigamos sendo baianos.

Insubordinação.

Luís Gama nos deixou o legado de saber transitar, não se acomodar, resistir, lutar, aprender, ministro Silvío, ocupar para libertar, advogar com sabedoria para libertar. Em suma, ele deixou um legado de talento e de brilhantismo que muito nos inspiram.

Trago, agora, uma outra oração, não ao tempo, mas aos moços, essa, de Ruy Barbosa, outro insigne baiano. Diz Ruy o seguinte.

(Lê) “(...)

Quem quer, pois, que trabalhe, está em oração ao Senhor. Oração pelos atos, ela emparelha com a oração pelo culto. Nem pode ser que uma ande verdadeiramente sem a outra. Não é trabalho digno de tal nome o do mau; porque a malícia do trabalhador o contamina. Não é aceitável a do ocioso; porque a ociosidade a dessagra. Mas, quando o trabalho se junta à oração, e a oração com o trabalho, a segunda criação do homem, a criação do homem pelo homem...”, semeia, às vezes, em maravilhas, a criação do homem pelo divino criador.

Ruy Barbosa é um nome que remete a erudição, a elegância, a uma oralidade arrebatadora – eu ainda estou falando de Ruy Barbosa –, a intelectualidade, a saber jurídico, à moldura do nosso Brasil, do nosso estado naquela transição de Império para República, uma incrível capacidade política de representação, ministro Silvio, e de dignificação do Brasil na seara internacional.

Eu trouxe aqui três exemplos: um que é coletivo e arquitetônico, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos; e dois individuais, masculinos, Luís Gama e Ruy Barbosa, paradigmas como é hoje o estreante, porque, como dizemos aqui, “baiano não nasce, baiano estreia”. (Palmas)

Quis o tempo, ministro Silvio, que nós estivéssemos hoje, aqui, reunidos na chamada “Roma Negra”, Salvador, para falar de pertencimento e, por consequência, de cidadania, e para quem? Para o ministro de Estado dos Direitos Humanos e da Cidadania.

Como única mulher a assumir a voz aqui hoje, eu não estou só. Como diz Maria Bethânia, “eu sou a sombra da voz da matriarca da Roma Negra”. (Palmas) E trago, invoco toda a ancestralidade, todas as matriarcas desta nossa Roma Negra para trazer à luz um novo baiano, o ministro Silvio Almeida. (Palmas)

Os exemplos que eu trouxe não precisam ser esmiuçados para demonstrar todas as similaridades de características que guardam com o Sr. Ministro, que traz em si o talento, o brilhantismo comum aos nossos marcos históricos de moldura do que é ser baiano aqui e alhures.

Eu sempre brinco dizendo que precisei sair da Bahia para me descobrir ainda mais baiana, pois é quando estamos fora que vemos tudo o que trazemos e carregamos de cultura, de afeto, de marcas, de história, de características, de sabedorias sem que nem percebamos. É como se colocassem uma lente em nós, e tudo é mais acentuado, a nossa baianidade é mais acentuada e nos enche ainda mais de orgulho.

O seu caminho, ministro, é inverso. Sendo de fora da Bahia, mas com um nítido asir baiano, o seu gigantismo e a sua altivez não precisaram de lentes, o senhor foi facilmente identificado como um autêntico baiano.

Como eu mencionei no início, aprendi com Vigotski que toda palavra tem um significado original e a este podem ser acrescidos muitos sentidos. O significado original de ser Silvio Almeida, paulistano, passa hoje a ser acrescido de um novo sentido: o de ser baiano. E isso faz muito sentido.

E agora, parafraseando um grande intelectual que eu acho que já podemos chamar de baiano, vou dizer umas coisas óbvias: ministro Silvio Almeida, o senhor existe e é valioso para nós (palmas); ministro Silvio Almeida, o senhor existe e, a partir de agora, o senhor é um de nós.

Muito obrigada. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Hilton Coelho): Quero anunciar, também, as presenças: de Lucas Seara, representante da OSC Legal Instituto de Direito, Gestão Social e

Organizações da Sociedade Civil; do nosso Wellington Batista, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Públicos do Município de Santo Amaro; do companheiro Luiz Alberto, o ex e sempre deputado federal, entre outras coisas; da Sr.^a Rita Lobo, representando o Instituto de Reparação; e de Elisa Gallo, representando a Brigada Marighella. (Palmas)

Daqui a pouco eu cito outros.

Concedo a palavra ao secretário de Justiça e Direitos Humanos, Felipe Freitas, que neste ato representa o governador do estado da Bahia, Jerônimo Rodrigues. (Palmas)

O Sr. FELIPE FREITAS: Bom dia a todas as pessoas.

Quero saudar a Mesa na figura do nosso deputado Hilton Coelho, pela importante iniciativa que, certamente, fala em nome de todas e de todos nós que aqui nos encontramos e que foi aprovada, por unanimidade, por esta Casa. Então, em nome do deputado Hilton, eu quero cumprimentar todas as deputadas e deputados desta Casa, em especial, aqueles que estão aqui neste momento, a deputada Fátima Nunes, a deputada Fabíola Mansur, o deputado Robinson, a deputada Olívia, que esteve entre nós, todos que representam o que esta Casa quer dizer em termos de reconhecimento da trajetória do nosso ministro e do valor das causas que ele representa.

Quero aqui também registrar e cumprimentar, fazer uma saudação às representações do sistema de Justiça – do Ministério Público, da nossa valorosa Defensoria Pública, da OAB, das várias organizações do sistema de Justiça aqui representadas – e das universidades todas que estão aqui entre nós e que é de onde nós partimos, eu e o ministro: é nosso lugar de trabalho. Então, nesse sentido, quero cumprimentar as universidades.

Mas cumprimentar, sobretudo, as ativistas, os ativistas, os militantes do movimento social que dão sentido a esta homenagem, a este ato, e dão sentido às lutas que cada uma e cada um de nós representa na institucionalidade.

Eu aprendi com Luiza Bairros que uma homenagem tem sempre dois grandes significados. Por um lado, ela é o reconhecimento da trajetória de alguém, ela tem uma dimensão festiva – no direito se fala assim: uma dimensão “laudatória” do ato.

Mas ela tem também um outro sentido, que é um sentido político e pedagógico. Uma homenagem é sempre uma oportunidade para quem participa dela se comprometer com as causas e com a trajetória de quem é homenageado, é uma possibilidade de, por meio desse homenageado, o participante dizer que as causas que aquele homenageado representa têm valor, têm significado, têm importância e têm reconhecimento.

Eu quero aqui saudar o nosso mais novo conterrâneo, o professor Silvio Almeida, dizendo que, ao homenageá-lo, a Bahia o abraça e o reconhece como um dos nossos, como disse aqui a nossa querida Manuellita. Mas, ao homenageá-lo, também, abraça as causas da justiça, da liberdade, da igualdade e dos direitos humanos, que são as mais nobres causas pelas quais se pode lutar na vida. É o direito de ser pessoa e de, como pessoa, se encontrar com seus iguais na celebração da justiça e da democracia. (Palmas)

Então, eu quero aqui reconhecer, na trajetória do ministro Silvio, um tributo às causas das quais nós – ele, eu e todas as pessoas que aqui se manifestaram e participam deste ato – somos filhos e filhas. Nós somos a geração de pesquisadores, professores, intelectuais que pôde se beneficiar do caminho feito pelos que nos antecederam e viabilizaram para que pudéssemos trilhar, com autonomia, com dignidade e olhando para o horizonte, a luta pela liberdade no nosso fazer de professores, de profissionais.

Nesse sentido, o ministro Silvio representa para nós a possibilidade de todos nós, todos nós desta geração, nesse árido campo do Direito, constituirmos um pensamento efetivamente livre. E isso é possível a despeito de qualquer dos lugares que venhamos a ocupar porque é um pensamento comprometido com aquilo que nos faz gente no mundo, que é o ensinamento valioso das nossas avós de saber entrar nos lugares, mas de não baixar a cabeça para ninguém.

Esse saber ancestral e tradicional que organizou a nossa presença no mundo vai sendo traduzido e homenageado nesta honrosa sessão que, como eu disse, é um encontro nosso com o reconhecimento do valor dos direitos humanos para a democracia, com o reconhecimento da importância da luta pela igualdade racial para a sociedade brasileira, mas, sobretudo, com o reconhecimento de uma inversão do sentido tradicional que o “ser baiano” tem para as pessoas negras fora da Bahia.

É muito comum que o racismo produza para qualquer pessoa negra fora da Bahia uma pergunta que questiona se essa pessoa é baiana. Provavelmente o ministro Silvio, por várias vezes – ainda que o sotaque dele não dê nenhum indício de baianidade – já foi perguntado antes da propositura desta homenagem: “Ah! Mas você não é baiano? Você não é de Salvador?”.

Nessa pergunta, não necessariamente há a generosidade deste nosso encontro. Há, sim, uma simplificação que o racismo faz – de que só tem preto na Bahia e de que todo preto fora da Bahia é baiano –, um pouco como aquela simplificação de chamar nordestino de “paraíba”.

Oferecermos, reconhecermos a baianidade do ministro Silvio nos convoca reciprocamente a inverter esse significado e dizer: “Sim, de fato, o ministro Silvio é baiano, mas não é porque ele é negro. É porque a Bahia o acolheu e porque as histórias dele se cruzam com as histórias do nosso povo”. Dessa forma, a imprensa brasileira pode noticiar que aumentou o número de ministros da Bahia no governo Lula, portanto, aumentará a possibilidade de o lobby baiano em favor das justas causas da Bahia prosperar junto ao governo federal.

Então, é com essa palavra, é com esse acolhimento que eu saúdo o nosso novo conterrâneo, em meu próprio nome, em nome de todos os meus colegas, secretários e secretárias, da secretária Fabya, que está aqui, da procuradora Bárbara, que está aqui também, do secretário Angelo, que está representado, da secretária Ângela Guimarães...

Em meu nome, em nome dos meus colegas, eu saúdo o nosso conterrâneo, trazendo aqui o abraço pessoal do governador, ministro, que pediu que eu registrasse a alegria de tê-lo entre nós, mas também o compromisso de agora termos, todos nós, um aliado ainda mais publicamente implicado com as causas da Bahia. Isso porque o

senhor é um dos nossos e, portanto, é um signatário e um parceiro com o qual podemos, seguramente, contar para produzir, na Bahia, aquilo que celebramos neste momento: a luta por justiça, por igualdade, por democracia e por direitos humanos.

Bem-vindo à Bahia, ministro Silvio, e que a democracia e os direitos humanos sigam sendo o farol da nossa luta.

Obrigado.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Hilton Coelho): Obrigado, secretário Felipe, alguém que está sempre aberto ao diálogo com as defensoras e os defensores dos direitos humanos e que tem sido um parceiro importante nessa luta na Bahia.

Muito obrigado.

Nós queremos chamar, para uma apresentação artística, o mestre Gilmar, com a *Ladainha de Marighella e Marielle*. Antes, no trajeto, nós queremos aproveitar para agradecer aqui aos nossos poetas do Subúrbio e às nossas poetisas da região metropolitana, viu, gente? Uma salva de palmas para eles. (Palmas) No meio da confusão aqui, eu esqueci dos aplausos. Mestre Gilmar, Marighella e Marielle.

Enquanto os artistas se organizam aqui, eu quero anunciar o Sr. Evilasio Bouças, tata Nkodiamambo, presidente do Conselho Municipal das Comunidades Negras (CMCN) e diretor de cultura da Abentumba; a Sr.^a Ludimilla Teixeira, militante do Psol e do movimento negro ambientalista e diretora de comunicação da Aspas Bahia, “ele não!”; o Sr. Thiago Araújo, presidente do Mocambo Resistência, representante do *Quilombo Podcast*; o Sr. Vanderlito Nascimento Souza, segundo-secretário da Abraspet; e o Sr. Elísio Santana, diretor da Abrasce.

Vamos à nossa apresentação.

(Procede-se à apresentação artística.) (Palmas)

Nosso capoeira, poeta, ex-vereador da cidade de Salvador, companheiro Nelson Santana.

O Sr. Gilmar da Hora: Bom dia a todos! Bom dia! É... Essa música... eu não deveria, de forma alguma, falar por que essa música... é... Sr. Nelson chegou para mim e disse: “Mestre, tem que fazer a música assim, assim, que o deputado Hilton pediu. Aí eu: “Meu Deus do céu! E agora?” Pedi a Deus que... Aí tome a escrever, escrever, escrever, e, graças a Deus, Deus nos abençoou, e essa música saiu.

Quero agradecer ao deputado Hilton. Eu já o acompanho pelos jornais, televisão muito antes de conhecê-lo e hoje eu faço parte do Psol, sou presidente do Psol na cidade de Araci. Então, quero agradecer primeiramente a Deus, a Hilton, ao meu querido amigo Nelson Santana e a todos dessa comissão.

Essa música é *Marighella Vive*.

(Procede-se à apresentação artística.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Hilton Coelho): Mestre Gilmar, a gente vai acabar tendo que sintetizar um pouco porque o ministro tem horário de viagem.

O Sr. Nelson Santana dos Santos: O Grupo Cultural Iabá vai fazer uma homenagem rápida, é uma lembrancinha, daremos a nossa camiseta ao ministro e ao deputado Hilton. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Hilton Coelho): Quero agradecer profundamente ao nosso capoeira, poeta e ex-vereador Nelson Santana, ao mestre Gilmar e ao Grupo Iabá Capoeira. Muito obrigado, gente.

Bom, vamos chegando ao nosso momento, aos nossos minutos finais, e eu quero convidar, para participar da entrega, Donana, do Quilombo Quingoma, a nossa Donana de Quingoma; o cacique Babau e Tiffany Odara.

O Sr. PRESIDENTE (Hilton Coelho): Em nome do Poder Legislativo, entrego o Título de Cidadão Baiano ao ministro de Estado dos Direitos Humanos e da Cidadania do Brasil, Silvio Luiz de Almeida. (Palmas)

(Procede-se à entrega da homenagem.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Hilton Coelho): Tenho a satisfação de passar a palavra ao nosso conterrâneo, o ministro Silvio de Almeida, para ele fazer a sua fala ali na tribuna. (Palmas)

O Sr. SILVIO LUIZ DE ALMEIDA: Vamos lá, gente. Bom dia!

Olha, eu estava me segurando até um determinado momento, mas o deputado Hilton deu um golpe baixíssimo, ele citou o nome da minha filha, aí já não foi mais possível segurar. Mas eu estou muito grato, muito feliz, tão feliz que eu não saberia nem expressar. É um dos momentos mais emocionantes da minha vida até então, e não é força de expressão, é, de, fato uma emoção muito grande você olhar para sua trajetória e ter esse reconhecimento. Muito importante que assim o seja em vida, não é? E eu acho que há tanto por fazer de tal sorte que esta homenagem que a Bahia me presta, ao me acolher como um dos seus filhos, me dá mais força ainda e mais certeza de que eu tenho muito mais, muito mais por fazer. E acho que estar entre os baianos e ser considerado como um deles agora faz com que eu tenha mais gente do meu lado para continuar as lutas que eu venho travando e que eu ainda tenho por travar.

Eu quero fazer alguns agradecimentos, mas esse agradecimento vai para todo o povo da Bahia, para toda a Bahia, vai para todos os encantados da Bahia, vai para tudo que a Bahia significa, para tudo que a Bahia representa. Então, a cada pessoa que eu aqui agradeço, na figura de cada um, de cada uma que aqui está, saiba que é um agradecimento que é feito para a Bahia. A Bahia é interdimensional, a Bahia é transcendental, a Bahia que está no passado, no presente, a Bahia do futuro, a Bahia que a gente quer construir. Então, que esses agradecimentos sejam vistos dessa maneira.

Como não poderia deixar de ser, eu quero agradecer ao proponente da sessão especial, ao deputado Hilton Coelho. Muito obrigado, deputado. O senhor me faz, como eu já disse, um dos momentos mais importantes da minha trajetória. Mas o que eu quero dizer é que o senhor também me dá uma imensa responsabilidade – quero falar disso depois – e eu a recebo com muita honra. O senhor já deve ter notado isso, mas muitas das pessoas que aqui estão, acho que todos que aqui estão, já perceberam

que umas das coisas mais importantes que nós carregamos na vida são, justamente, as responsabilidades que nos são legadas por aqueles que em nós confiam.

Então, eu quero agradecer a honraria, mas quero agradecer também por mais essa responsabilidade, por mais esse ato de confiança. E em sua pessoa, portanto, agradeço a toda a Assembleia Legislativa da Bahia, agradeço a todos os deputados e deputadas que aqui estão, àqueles que aqui também não estão. Então, meu muito obrigado em meu nome, em nome da minha família, em nome dos meus ancestrais e em nome das pessoas que comigo trabalham. Deputado, muito obrigado. (Palmas)

Quero agradecer também ao Sr. Secretário de Justiça e Direitos Humanos da Bahia, meu amigo Felipe Freitas, que neste ato representa o governador do estado da Bahia, Jerônimo Rodrigues. O Felipe, eu conheço Felipe há muito tempo, muito antes de nós nos aventurarmos na política.

Felipe é um homem da academia, como ele muito bem disse. Eu gosto sempre de frisar, eu acho que este momento aqui, como foi muito bem dito aqui pela Manuellita, faz com que nós entendamos o que significa, para quem é negro, para quem é brasileiro, para quem é baiano – e, agora, eu posso falar com propriedade isso – o que significa ser um intelectual. Para nós, não é possível ser um intelectual sem ser um ativista. Essa divisão entre ser intelectual e ser ativista só existe nos delírios do racismo; para nós, isso não existe. Assim como para ser artista – eu coloco os artistas entre os intelectuais –, ser artista e ser ativista no Brasil não tem diferença. É a luta constante para dar significado intelectual, para dar significado político para as nossas lutas. Então, Felipe, muito obrigado pela parceria, nós temos muito ainda que caminhar juntos. Nós estamos lutando a batalha juntos, e tenho a certeza de que você é um grande companheiro, um grande irmão, e que nós vamos fazer grandes coisas ainda. Muito obrigado. (Palmas)

Quero agradecer também à Sr.^a Procuradora de Justiça Márcia Regina dos Santos Virgens, que neste ato representa a procuradora-geral de Justiça da Bahia, Norma Angélica Cavalcanti.

Agradeço também... estive aqui entre nós, não pôde mais estar, mas a presença é, para mim, muito significativa, que é a do Sr. Reitor da Universidade Federal da Bahia, professor Paulo César Miguez de Oliveira.

Quero agradecer também à Sr.^a Manuellita Hermes, procuradora federal, integrante da Coalizão Nacional de Mulheres. Muito obrigado, querida. Manuellita não só é procuradora federal, ela não disse isso, mas a Manuellita faz parte da minha equipe, ela trabalha comigo. Obviamente, ela não foi obrigada a dizer nada do que ela disse aqui (risos), porque, no Ministério dos Direitos Humanos, nós tentamos a todo custo fazer com que as pessoas tenham a máxima liberdade e a responsabilidade funcional. Eu quero dizer a Manuellita que as suas palavras muito me comovem e fico muito orgulhoso de você ter escolhido – porque foi uma escolha sua, no fim das contas – fazer parte desse novo momento do Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania. Você muito bem sabe, eu falo isso a toda hora, é um projeto que se nutre de tudo aquilo que foi legado por aqueles que me antecederam, por aquelas que me antecederam nesse ministério. Mas esse novo formato também carrega novas expectativas, novas

possibilidades, novos desafios, novas contradições – a gente se depara com contradição o tempo inteiro, o Felipe sabe bem do que estou falando –, ou seja, estar sentado numa cadeira no Estado – a Fabya, que está aqui também, sabe muito bem disso. Nós estamos o tempo todo lidando com a contradição que é, justamente, fazer parte da máquina do Poder Executivo. Então, é um lugar de dor e de delícia, a gente sabe disso, mas você escolheu estar com a gente num momento muito complicado.

Inclusive é um momento muito complicado para os direitos humanos. Primeiro, porque nós vivemos num país – devemos ser muito transparentes nesse sentido – que odeia os direitos humanos, é um país que naturaliza a violência, é um país em que as pessoas morrem o tempo inteiro, e que nós, até mesmo nós, que estamos o tempo todo nos educando para nos importar com os outros, nós naturalizamos o assassinato. Nós nos chocamos... nós temos de fazer força, nós temos de produzir um ambiente político para que nós nos choquemos com o assassinato das pessoas no Brasil. Então, vejam a dificuldade que é você pensar em direitos humanos nessa quadra, numa quadra em que é o terceiro mandato do presidente Lula, numa quadra de luta contra o fascismo, sim, um fascismo que se alimenta da história do Brasil, que é uma história de racismo, uma história de autoritarismo, uma história de desigualdade, de miséria, de exploração. Então, o fascismo do nosso tempo nasce nesse caldo de cultura que o Brasil produziu. Então, você escolheu estar no Ministério dos Direitos Humanos e tem que fazer também uma batalha ideológica. Olha que problema que você arrumou para a sua vida. Nós temos que fazer uma batalha ideológica.

Eu vi uma pesquisa hoje, pouco antes de vir para cá, que mostra que boa parte da juventude – olha que horror! – acha que os direitos humanos são um grande empecilho para a segurança pública. Veja só que tipo de coisa que nós temos que enfrentar!

Então, vejam, senhoras e senhores, a escolha pelos direitos humanos é uma escolha de luta, não é só uma escolha monástica, é uma escolha de luta, de conflito, o tempo inteiro. Então, Manuellita, muito obrigado por me emprestar sua inteligência, a sua experiência como procuradora. Nós sabemos da sua formação para esse momento tão importante. Nesse momento eu preciso dos melhores e das melhores, e é por isso que eu estou me tornando baiano, exatamente para estar ladeado dos melhores, das melhores para essa luta tão difícil. (Palmas)

Eu agradeço também à Sr.^a Firmiane Venâncio, defensora pública-geral do estado da Bahia e vice-presidente do Condege; ao Sr. Vereador da cidade de Salvador, e não é só vereador cidade de Salvador, eu tenho que dizer uma coisa importante, meu professor. Meu professor, meu mestre, o primeiro homem negro que eu vi dando aula de Direito na vida.

Eu acho que eu já contei essa passagem, mas eu acho que é importante recontar essa passagem nesse momento, porque essa história tem que ser contada o tempo inteiro. Eu estava na faculdade com os meus amigos, todos brancos, isso é importante dizer, professor, quando nós passamos na frente de uma sala de aula, tinha um vidrinho assim, nós vimos um homem negro dando aula, e ele fazia uns gestos com a mão assim. E todo mundo se espantou. E sabe que essa foi uma das coisas que me fez entender o

que significa o racismo estrutural, é porque era muito espantoso, até para o meu caso, que sou um homem negro, ver um professor numa universidade daquela tão respeitado pelos alunos. Aí, eu lembro que eu perguntei para alguém que estava do meu lado: "Ele é professor do quê?" "Ele dá aula Direito Civil, mas disseram que ele é um dos maiores tributaristas do país." Aí, eu virei para um amigo meu, que estava do lado, o Gilberto, e falei: "Olha, eu nem sei o que é Direito Tributário, mas eu quero fazer isso aí por causa desse cara". E eu não sabia o que era Direito Tributário, não fazia a menor ideia. Mas o que aconteceu? Eu virei advogado tributarista por sua causa. Olha só! (Palmas)

Eu sou advogado tributarista. Eu me especializei, sou um advogado especialista em Direito Econômico. Advogo, advoguei a vida inteira com Direito Econômico, Direito Tributário, Direito Financeiro por conta daquele encontro. E desde então nós mantemos uma relação, desde 1996 o professor Edivaldo Brito tem sido uma grande inspiração para mim. É um homem que sempre, em que pese a nossa relação, que eu considero que é quase hierárquica – porque eu tenho relação de hierarquia e eu não tenho problema nenhum com a hierarquia, até porque eu sou homem de axé, então não tenho problema nenhum com hierarquia, de respeitar o mais velho, não tenho problema nenhum com isso – apesar da nossa relação de hierarquia, sempre foi uma relação muito respeitosa. Eu acho que só tem hierarquia quando há respeito. O senhor, sempre, me respeitou, profundamente. Professor Edivaldo, muito obrigado. Se não fosse o senhor, eu não estaria hoje, aqui. Obrigado. (Palmas)

Eu quero agradecer à Sr.^a Luzia Matos Mota, reitora do Instituto Federal da Bahia.

Quero, também, agradecer ao meu amigo, meu irmão e, agora, meu companheiro de Planalto, João Jorge Rodrigues, presidente da Fundação Cultural Palmares. Muito obrigado! João Jorge é um homem de muitas ideias. Ele foi lá, ao ministério. A gente anotou um caderno, praticamente, de ideias que ele deu. O homem é uma máquina de produzir ideias e coisas mirabolantes. Sensacional! A gente tem muito o que fazer junto, viu, João. A gente está junto sempre.

Quero agradecer à Mãe Donana, do Quilombo de Quingoma. Muito obrigado, também, pela sua presença. (Palmas)

Saúdo Marina Duarte, presidente da Unegro-BA; Hamilton Ribeiro, coordenador-geral do CEM; Hamilton Moreira de Assis, coordenador de Mocambo CSP-Conlutas Sindical.

Quanto ao cacique Babau, muito obrigado. (Palmas) Em sua pessoa, eu agradeço a força de todos os encantados, a força dos indígenas. Eles estão presentes conosco.

Nós somos amefricanos. Ou seja, eu me lembro, quando eu dava aulas, no curso de Direito, nos Estados Unidos, sobre direito, raça e cultura na América Latina. Para que os meus alunos entendessem as singularidades na América Latina, do que significa ser africano, mas, ao mesmo tempo, ser latino-americano, eu sempre usava uma imagem. Eu usava a imagem de Oxóssi. Para eles, eu perguntava assim: "Isso é um africano ou é um indígena?" Eles não sabiam dizer. Nós, também, não sabemos dizer, porque, para nós, é a mesma coisa. É isso. (Palmas)

Quero agradecer, também, a Samuel Vida, coordenador do Programa de Direito e Relações Raciais da Ufba. Muito obrigado, professor. (Palmas) Quero agradecer, também, ao Sr. Gilberto Leal, coordenador nacional do Coletivo de Entidades Negras (Conen).

Enfim, agradeço a todas as pessoas presentes. Estou me esquecendo de alguém? Mário Nelson está aqui. Quero agradecer, também, ao meu tio Américo, que está ali. O tio Américo é uma figura espetacular. Com o tio Américo, eu entendi o que era ser baiano, as coisas mais legais. Então, estou muito feliz. Espero que eu consiga ter o mesmo senso de humor do tio Américo e que a minha baianidade se traduza nisso.

Senhoras e senhores, eu quero ser bastante breve, porque eu acho que tudo o que precisaria ser dito já foi dito, não a meu respeito, porque eu acho que muito do que foi falado a meu respeito é resultado único e tão somente da generosidade dos baianos, de cada um e de cada uma que está aqui.

Eu, agora, só posso tecer algumas considerações sobre o que foi dito e fazer jus a este título. Eu só posso fazer jus a este título com as minhas ações. Só posso fazer jus a este título com a minha vida, com a minha trajetória, observando cada passo da minha existência.

E, a cada passo que eu der a partir de agora, eu tenho que perguntar o seguinte: “Será que o que eu estou fazendo agora é digno da homenagem que eu recebi?” Então, a minha vida vai virar isso a partir de agora. Ela já tinha isso já em muitos aspectos. Mas tudo o que eu faço e tudo o que eu me proponho a fazer é para honrar os meus ancestrais, é para honrar as pessoas que vieram antes de nós. Mas, agora, eu vou fazer de tudo para honrar, também, este povo que me acolheu, que é o povo baiano.

Então, eu fico, imensamente, grato e feliz por fazer parte. Isso já foi ressaltado por Manuellita, Hilton, Felipe e por todas as pessoas que estiveram aqui, como o cacique Babau.

A Bahia é um lugar de luta. A Bahia é um lugar de um povo em luta o tempo todo, o tempo inteiro. E só poderia ser assim. Ou seja, o estado mais negro do Brasil só pode ser um lugar onde as lutas tenham de se desenvolver o tempo todo, o tempo inteiro, não é, Fabya? (Palmas) É isso, minha amiga, minha amiga Fabya. Envio um abraço para o Valmir, Fabya. Muito obrigado, viu?

Então, eu sei o que significa responsabilidade, agora, de fazer parte de uma comunidade que abriga a história de pessoas como Castro Alves, Mãe Menininha (palmas), Ruy Barbosa já foi mencionado, Jorge Amado, Zélia Gattai.

Enfim, eu vou falar de Luís Gama. Mas eu quero falar por último. Mesmo para não criar expectativas, eu quero falar do Luís Gama por último.

Mas quero falar daqueles que, ainda bem, estão entre nós. Bem, falo de uma pessoa que já não está mais entre nós como Gal. No entanto, falo de Bethânia, Gil, Caetano e tantas outras e tantos outros. Posso ficar aqui falando e citando os baianos ilustres, que são tantos. Se eu for citar todos os que estão nesta sala, ficaremos até as 18 horas. E falar daqueles que não estão aqui, isso demoraria muito mais.

Mas eu quero dizer que, para mim, isso é uma grande honra, como disse muito bem a Manuellita. Eu acho que estar aqui, neste momento de tantos desafios, eu quero falar um pouco deles, recebendo este título, isso me faz, inevitavelmente, lembrar de Luís Gama, pois ele tem sido aquele que me inspirou e me inspira o tempo todo, durante toda a minha vida.

Lembram daquela pergunta que eu disse que eu me faço sempre, faço aos meus ancestrais? Eu pergunto: “Será que o meu pai e a minha mãe teriam orgulho de me ver ao fazer isso?” Esse é o meu imperativo categórico. Sempre, eu faço essa pergunta para saber se eu estou no caminho certo.

Às vezes, eu não estou. Às vezes, eu chego à conclusão de que eles não gostariam que eu... Mas sempre faço essa pergunta. E eu, sempre, faço a pergunta, também, em relação a Luís Gama, na minha vida profissional. Será que Luís Gama faria isso? Qual a estratégia que ele utilizaria?

Digo isso porque, às vezes, nós estamos diante de escolhas difíceis, senhoras e senhores. Eu nunca tinha tido tantas escolhas difíceis como eu estou tendo agora, sendo parte do alto escalão do Poder Executivo. É muito complicado. É um exercício o tempo todo.

E você pergunta: “Estou mantendo a coerência?” “Eu continuo sendo aquela pessoa que chegou até aqui?” “Quais são as estratégias e os exercícios que eu tenho de utilizar para me manter no caminho, para manter a minha coerência, para manter a minha força?”

Eu não estou falando só sobre princípios, não. Eu estou falando justamente sobre que tipo de estratégia eu vou utilizar para manter as pessoas vivas, para assumir a responsabilidade que me foi confiada pelo presidente da República, o presidente Lula, a quem eu agradeço também pela indicação... (palmas), a quem eu agradeço pela possibilidade de aqui estar, e eu preciso fazer este agradecimento.

O presidente Lula confiou em mim, mas, ao confiar em mim, ele confiou também no Brasil, ou seja, o Brasil confiou em mim. O Brasil me confiou esse papel de ser ministro dos Direitos Humanos num dos momentos mais difíceis da nossa história, não tenho dúvidas.

Mas este, que é um dos momentos mais difíceis, é também um momento de grandes possibilidades, de grandes aberturas, é justamente um momento de encruzilhada. E eu sei que meus irmãos baianos sabem do que eu estou dizendo. A encruzilhada é o momento das escolhas, é o momento em que nós vamos ter que definir qual caminho vamos tomar.

E, ao trilhar esses caminhos, nós teremos, primeiro, que estar acompanhados de Ogum, nós teremos que ter a sabedoria de Xangô e o seu senso de justiça... (palmas), nós teremos que ter a retidão, nós teremos que ter a mira certa de Oxóssi. Percebem, então? A encruzilhada, portanto, é este momento. Nós estamos no momento da encruzilhada.

Então, um caminho pode nos levar para um Brasil diferente, para um Brasil novo, para um Brasil que sonhamos, para um mundo que sonhamos. O outro caminho

pode nos levar para as garras do fascismo, e é por isso que nós temos que, o tempo todo, estar juntos, lutar o tempo inteiro.

Agora, eu quero também me remeter a algo que foi dito aqui pelo Felipe. O Felipe falou que todo momento de homenagem é um momento laudatório, um momento de festa; ele falou também que é um momento pedagógico. É um momento pedagógico, porque é o momento em que, ao homenagear alguém, nós também homenageamos as lutas que essa pessoa carrega, mas eu quero acrescentar um terceiro ponto. Eu acho que também é um momento de fazer com que aquele que é homenageado mantenha o seu compromisso com as causas que o fizeram ser homenageado.

É assim que me sinto hoje. Ao ser homenageado, eu reforço o meu compromisso com o Brasil, porque entendo que reforçar o compromisso com a Bahia é reforçar o compromisso com o Brasil. (Palmas) É reforçar um compromisso inabalável contra todas as formas de desigualdade, contra a violência, contra o subdesenvolvimento, contra a subordinação. E uma das características de ser baiano é ser insubordinado contra todas as formas de opressão e de violência, como foi dito aqui. Então, esse é um compromisso, mas tem mais dois.

Um é o compromisso contra todo autoritarismo e todas as formas de ordenação e hierarquia que sejam baseadas na injustiça. Nós não temos problema com ordem justa: nós temos problema com ordem injusta, com ordem opressiva.

E o outro é um compromisso que se reforça a cada dia na Bahia, portanto, nós temos que olhar para cá. Nós temos que arrumar as injustiças daqui, nós não podemos deixar sem resposta os grandes atos de violência, as grandes injustiças, Jurandir. Esse é o ponto, é o nosso compromisso contra o racismo na sua forma mais sistêmica, na sua forma estrutural.

Eu estou falando do quê? Eu estou falando do seguinte: se nós não temos um compromisso com a reforma agrária, nós não estamos fazendo luta antirracista (palmas); se nós não temos um compromisso com a titulação das terras quilombolas, não é luta antirracista; se nós não temos um compromisso pela demarcação das terras indígenas, não é luta antirracista; se nós não temos um compromisso, um compromisso contra a exploração dos trabalhadores e trabalhadoras, isso não é luta antirracista. (Palmas)

A luta antirracista, portanto, é uma luta para melhorar as condições de vida do povo brasileiro, é uma luta para permitir que as pessoas consigam reproduzir o melhor da sua existência.

Sabem por que acontecem tragédias como essa que nós vimos, acometeu a Mãe Bernadete, Jurandir? Não é só por causa – é, também, por causa – da violência, por causa da ganância, mas é porque, no Brasil, não se faz a titulação das terras quilombolas. (Palmas)

Se não fizer a titulação das terras quilombolas, vamos ficar enxugando gelo o tempo todo; se não demarcar as terras indígenas, os nossos irmãos indígenas vão continuar morrendo. Se não fizer reforma agrária, a violência do campo não vai cessar.

E não se faz isso sem um compromisso político, sem o povo brasileiro forçando as estruturas do Estado a agir nesse sentido.

Então, eu sei, Fabya, eu sei que é duro, mas sabe por que eu tenho alguma esperança de que a nossa presença pode ser importante? Porque nós temos uma coisa que muita gente não tem, nós ficamos constrangidos, nós temos vergonha na cara, isso é importante. É importante ter vergonha, é importante olhar para alguém e dizer o seguinte: “Olha, eu faço parte de um Estado que é um Estado que mata”. O Estado brasileiro mata as pessoas, e eu sou ministro de Estado, percebe?

Só que assim, algumas pessoas tentam explorar essa contradição querendo fazer com que a gente esmoreça. Sabe por que a gente não esmorece – eu, particularmente? Porque, como eu sou um homem de axé, eu não tenho problema com contradição. A contradição faz parte da vida, o que eu preciso o tempo todo é olhar para essas contradições e entendê-las como parte de algo que é negado às pessoas negras, às mulheres, aos indígenas, ao povo brasileiro, que é humanidade.

Sem contradição, não há que se falar em humanidade. Nós precisamos lidar com elas, não nos conformar com elas, tentar superá-las. E é esse exercício que nos faz cada vez mais humanos.

Portanto, eu estou aqui, agora, sim, como o baiano, diante desta homenagem, para reafirmar todos os compromissos que eu tenho com o povo brasileiro, desde os bancos da faculdade, professor, desde os bancos da faculdade. Eu me meti com política estudantil o tempo todo, só que, assim, eu tinha que estudar, porque eu tinha bolsa, então, tinha que estudar o tempo todo, eu estudava muito. O senhor sabe que eu estudava. Portanto, para mim, estudar sempre foi uma forma de reforçar cada vez mais o meu compromisso com as soluções dos problemas do Brasil.

E aí, Hilton, eu tenho uma notícia para lhe dar, viu? Você falou aqui do meu pós-doutorado, do primeiro, e falou que eu estava na fase de terminar o segundo e que eu não iria terminar, só que eu terminei no ano passado, antes da posse. Então, eu já tenho, já terminei, então eu tenho uma pesquisa – não é um título, mas é um certificado de que eu tenho uma pesquisa e um pós-doutorado em economia também, que é importante. Mas eu terminei, antes do presidente Lula me convidar para ser ministro, senão não daria para terminar mesmo. Mas deu certo e estou aqui (Palmas).

Quero dizer que todos esses títulos, homenagens, enfim, eles só têm o propósito de reforçar, cada vez mais, o compromisso que eu tenho com as lutas que eu assumi como sendo parte da minha existência, da minha vida, que é a luta antirracista, que é a luta pela superação das desigualdades no Brasil, para que o Brasil supere a dependência econômica, que é o que estava lá na Revolta dos Búzios, ou seja, não tem luta antirracista, se ela não for uma luta contra a dependência econômica para que o Brasil possa exercer a sua soberania.

E, nesse sentido, senhoras e senhores, a Bahia pode dar um recado maravilhoso para o Brasil, porque muita gente fala que a luta do povo indígena, que a luta do povo negro, que a luta da comunidade LGBTQIA+, é uma luta que divide o Brasil. Por que essa gente fala isso? Porque elas acham que esses grupos não fazem parte do Brasil. Mas esse grupo é o Brasil. Enquanto essas pessoas não forem respeitadas, nós nunca

vamos poder falar dessa quimera, disso que alguns dizem que é só uma ilusão, mas é uma coisa pela qual lutamos para que possa haver no Brasil, que é nação.

Não existe nação sem povo indígena, sem o povo negro, sem a comunidade LGBTQIA+ e sem – o mais importante – sem que essas pessoas possam viver com o mínimo de dignidade. Portanto, quem violenta esses grupos sociais divide o Brasil. Se pudermos fazer um Brasil melhor para todo mundo, aí poderemos falar de um Brasil que pode aspirar a essa ideia de nação. Porque não vai existir nação sem o povo negro, sem o povo indígena, sem que as pessoas da comunidade LGBTQIA+ sejam respeitadas, sem que os trabalhadores e trabalhadoras do Brasil tenham uma vida digna.

Portanto, nossa luta antirracista é, ao mesmo tempo, uma luta para que os trabalhadores e trabalhadoras tenham uma vida digna, para que o Brasil se livre das garras da dependência econômica, para que o Brasil se livre das garras do fascismo. Ser antirracista é lutar contra o fascismo, ser antifascista (palmas) é lutar contra o racismo. Não existe meio termo para isso, num país como o Brasil.

Prezados e prezadas, termino citando algo muito bonito que foi dito aqui: *sankofa*. Eu, em todas as minhas falas, tenho dito isso. Os meus assessores e assessoras devem estar cansados de me ouvir; a Manuelita já me ouviu dizer várias vezes, mas eu vou insistir, porque eu acho que precisamos lembrar de coisas que são óbvias.

Nós temos que olhar para o presente. O presente para nós é muito importante, porque as pessoas estão morrendo agora: temos que olhar para o presente. Nós temos que criar formas para que as pessoas, primeiro, possam comer, se vestir, ter um teto, ter um lugar para plantar. Temos que fazer isso: olhar para o presente. Só que não conseguiremos olhar para o presente, meu irmão, se não fizermos, também, aquele movimento *sankofa*, pegar aquela pedrinha, olhar para trás.

Precisamos nos nutrir do passado. Mas o que é o passado, para além do *sankofa*? Vou citar até um outro pensador, que é um pensador alemão, chamado Walter Benjamin: quando se está em uma luta, carregam-se os mortos também, porque precisamos o tempo todo ressignificar o passado para que as lutas do presente possam fazer sentido para nós, meu irmão. Então, por que a gente fica o tempo todo dizendo o seguinte, “olha esse país não é um país de escravos”? Por que a gente fica mudando “escravos” para “pessoas que foram escravizadas”, tentando contar a história de um povo que é um povo de luta como é o povo da Bahia? Porque isso nos ressignifica o presente: ressignificar o passado é ressignificar o presente, as lutas que nós temos que fazer aqui nesse momento. E para que tudo isso? Para que a gente possa olhar para onde mais nos interessa – porque todos nós somos finitos: eu não tenho problema com isso. Nós temos que olhar para o futuro.

Olha por que é que o *sankofa* é sensacional: ele pega a pedrinha atrás e olha para frente, ou seja, nós temos que olhar o futuro, nós precisamos resgatar a retórica do futuro – não como falatório, palavrório, mas como algo que nos impulsiona para olhar para além do presente. Quem olha só para o presente, senhoras e senhores, quem olha só para o presente está preso numa vida miserável, é uma vida de repetição. Se a gente

olha para o presente e cuida do presente para que a gente tenha um futuro, isso nos dá uma coisa que se chama esperança, que é muito importante para construir um país.

Eu preciso ter a certeza de que nós estamos fazendo hoje no presente para que a minha filha tenha um futuro, para que a filha de vocês tenha um futuro, para que nós possamos ter o direito – que eu acho que todo mundo tem que ter o direito do que eu vou falar agora – o direito de ficar velho, o direito de envelhecer. Eu quero ficar velho, gente, é o meu sonho. E eu quero que a minha filha fique velha, muito mais velha, mas muito mais velha do que a pessoa mais velha aqui nesta sala.

Isso é o que a gente tem que pedir para os nossos jovens e, portanto, a gente tem que pedir futuro. O nosso futuro, Jurandir, é envelhecer.

Portanto, senhoras e senhores, a nossa luta é uma luta que carrega os mortos, os mortos que estão vivos, os encantados: todos os nossos ancestrais vêm conosco nessa luta e, portanto, em nome dos meus ancestrais – mas é em nome também daqueles que virão e aqueles que animam a nossa luta, aqueles que dão sentido para que nós estejamos aqui agora – é que eu declaro, como é bom ser baiano.

Obrigado, gente. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Hilton Coelho): Agora, sob a atmosfera do som do nosso Ilê Aiyê, nós vamos entregar alguns presentes aqui ao nosso ministro Silvio Almeida.

Com a palavra o Ilê Aiyê.

(Procede-se à apresentação musical.)

O Sr. PRESIDENTE (Hilton Coelho): Pessoal, nós queremos, aqui com o fundo do Olodum, anunciar que esse presente foi feito por (lê) “D. Cadu – Ricardina Pereira da Silva, carinhosamente conhecida como D. Cadu – uma mulher afro-indígena do Recôncavo Baiano, reside no distrito de Coqueiro, Maragogipe, Bahia. É uma ceramista centenária de grande referência, atualmente com 103 anos de idade, também rezadeira e sambadeira, a sua figura manifesta e expressa a diversidade cultural do sertão baiano. Seus cuidados, ao produzir cerâmica, começaram desde os seus 10 anos, com conhecimentos de uma outra mulher que dedicava parte da sua vida também à técnica ceramista. O nosso presente conta uma história de mulheres que modelam esculturas tradicionais de nossa cultura.

E Daniel Cesart, quadrinista e ilustrador soteropolitano, baiano. Um dos autores dos *Estados Unidos da África*, junto ao poeta Anderson Shon, onde conta a história de como seria se o super-herói fosse um africano, sendo que ele não enfrenta vilões ou problemas gerados a partir da ideia do bem e o mal, mas enfrenta em si o imperialismo e o colonialismo e, ao decorrer da construção da história, ele percebe que não dá para matar a fome com a radiação dos seus olhos, lidando com o ódio e o racismo estrutural que não aceita o negro em uma condição de poder.

Entregamos esta charge ao Sr. Ministro Silvio Almeida, desenhada pelo Daniel, que, em si, já traz uma referência em sua figura de inquietação por ser um homem

negro, pensador, cientista e filósofo, numa condição de poder, em uma estrutura racista na sociedade.”

Estão aqui os presentes de Dona Ricardina, Dona Cadu, e do nosso Daniel Cesart.

O Sr. Silvio Luiz Almeida: Gente, só quero falar uma coisa que eu esqueci, senão vão brigar comigo em casa. Eu preciso mandar um beijo enorme para minha sogra, para meu sogro, Dona Terezinha e Seu Edson, porque eles são baianos. A Bahia me deu o amor da minha vida e que, agora, me deu o outro amor da minha vida, que é a minha filhinha. Então, Dona Terezinha e Seu Edson, beijo para vocês. Obrigado. Agora nós somos conterrâneos. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Hilton Coelho): Além de anunciar a presença do Sr. Raimundo Lopes, presidente da Abraspet, eu também quero convidar Hugo Canuto, Anderson Shon e Daniel para fazerem a entrega do quadro ao homenageado.

(Procede-se à entrega de homenagem.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Hilton Coelho): Pessoal, nós vamos agora seguir para o saguão onde o nosso convidado, por alguns segundos, participará junto com o Samba de Roda de Tubarão e do Tororó de São Tomé de Paripe.

Em nome da Assembleia Legislativa da Bahia, agradeço a presença das autoridades civis, dos amigos e familiares do homenageado, das deputadas e dos deputados e declaro encerrada a presente sessão.

Obrigado, gente. Um beijo para todas e todos por esta manhã.

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-legislativa/sessoes-plenarias>. Acesse e leia-as na íntegra.